

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

FRANCISCA MARIA DOS SANTOS IBIAPINA

**A RESPONSABILIDADE DO DOCENTE DIANTE DO BULLYING NO AMBIENTE
ESCOLAR**

PICOS – PIAUÍ

2018

FRANCISCA MARIA DOS SANTOS IBIAPINA

**A RESPONSABILIDADE DO DOCENTE DIANTE DO BULLYING NO AMBIENTE
ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Picos/PI, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia sob a orientação do Prof. Dr. Gabriel Eidelwein Silveira.

PICOS – PIAUÍ

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

- I126r** Ibiapina, Francisca Maria dos Santos
A responsabilidade do docente diante do *bullying* no ambiente escolar / Francisca Maria dos Santos Ibiapina– 2018.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (47 f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia)
– Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.
Orientador(A): Prof. Dr. Gabriel Eidelwein Silveira.
1. Bullying-Prevenção. 2. Responsabilidade do Professor.
I. Título.

CDD 371.58



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos cinco (05) dias do mês de dezembro de 2018, às 8h, na sala 824, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a defesa de Monografia de **Francisca Maria dos Santos Ibiapina** sob o título "A responsabilidade do docente frente ao Bullying no ambiente escolar".

Banca constituída pelos (as) professores (as):

Dr. Gabriel Eidelwein Silveira	Orientador
Esp. Antônio Moura Fé	Examinador
Dra. Maria dos Remédios Beserra	Examinadora

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe média aritmética de 8,8.

Picos (PI) 05 de dezembro de 2018.

Orientador: Gabriel Eidelwein Silveira

Examinador: Antônio Moura Fé

Examinadora: Maria dos Remédios Beserra

Dedico este trabalho a minha amada mãe, Rosa Rodrigues, (in memoriam) que me ensinou a não desistir dos meus sonhos e a lutar pelos meus ideais com honestidade e dignidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me fortalecido ao ponto de superar todas as dificuldades enfrentadas durante esses cinco anos e por ter permitido alcançar essa etapa importante da minha vida.

Agradeço ainda a minha família que me deu apoio e compreensão para o meu crescimento profissional.

Ao meu marido João Batista que com seu apoio me entendeu e me ajudou em momentos complicados e dolorosos, pelo auxílio com meus filhos explicando minha ausência.

As minhas amigas de turma que levarei para a vida Janaína Moura, Mirley Ferreira, Valéria Menêz e Francislene Lacerda, pelo suporte e carinho nas horas sobrecarregadas durante todos esses períodos juntas, pois agora sei que é chegado o momento de cada uma seguir seu caminho e que as experiências e alegrias compartilhadas sirvam como base para alcançarmos o destino planejado.

Aos professores e a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e dessa jornada tão difícil.

Muito obrigada

RESUMO

A presente pesquisa trata do bullying no ambiente escolar: a responsabilidade do docente diante do bullying no ambiente escolar. A mesma tem o objetivo de estudar a responsabilidade do professor na prevenção e no combate ao bullying no ambiente escolar, compreendendo o que é bullying e suas consequências, refletindo sobre a conscientização e o compromisso dos profissionais de educação para prevenir e combater o bullying no ambiente escolar e identificando se suas ações podem implicar na ocorrência de bullying no ambiente escolar. O problema da pesquisa é: saber qual a responsabilidade do docente na prevenção e combate ao fenômeno bullying no ambiente escolar? A pesquisa justifica-se pela necessidade de esclarecer sobre a responsabilidade do docente no ambiente escolar, expondo os resultados para fins de pesquisa acadêmica e social. O mesmo é uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo e exploratório, tendo como base principal a autora Fante (2005), e demais autores, a qual verificou-se que existem poucos estudos que abordem especificamente a percepção do professor em relação a essa temática. Utilizou-se como forma de exposição clara e objetiva através de quadros. Como resultados consideramos que a responsabilidade do professor deve ser o de mediador de um ambiente de amizade e companheirismo, desenvolvendo ações de solidariedade e de resgate de valores de cidadania, tolerância e respeito mútuo, intensificando eventuais diferenças, buscando aspectos positivos que resulte em melhoria da autoestima do aluno, diante disso as ações do docente pode prevenir a combater o bullying escolar.

Palavras-chave: Bullying. Prevenção. Responsabilidade do Professor.

ABSTRACT

The present research deals with bullying in the school environment: the responsibility of the teacher towards bullying in the school environment. The purpose of this study is to study the teacher's responsibility in preventing and combating bullying in the school environment, understanding bullying and its consequences, reflecting on the awareness and commitment of education professionals to prevent and combat bullying in the environment and whether their actions may lead to bullying in the school environment. The problem of the research is: to know what the responsibility of the teacher in the prevention and fight against the bullying phenomenon in the school environment? The research is justified by the need to clarify the responsibility of the teacher in the school environment, exposing the results for academic and social research purposes. The same is a qualitative and exploratory bibliographical research, having as main base the author Fante (2005), and other authors, which verified that there are few studies that specifically address the teacher's perception in relation to this theme. It was used as a way of clear and objective exposure through pictures. As results, we consider that the responsibility of the teacher should be that of mediating an environment of friendship and companionship, developing actions of solidarity and values of citizenship, tolerance and mutual respect, intensifying eventual differences, seeking positive aspects that result in improvement of the student's self-esteem, and the actions of the teacher can prevent the fight against school bullying.

Keywords: Bullying. Prevention. Teacher Responsibility.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tema: Respeito Mútuo.....	38
Quadro 2 – Tema: Justiça.....	39
Quadro 3 – Tema: Diálogo.....	40
Quadro 4 – Tema: Solidariedade.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABRAPIA:** Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência.
- ONGs:** Organizações Não-Governamentais.
- SMAR:** Síndrome de Maus – Tratos Repetitivos.
- PCN'S:** Parâmetros Curriculares Nacionais.
- SAVE:** Sevilha Contra a Violência Escolar
- LAA:** Liga dos Alunos Amigos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – BULLYING – CONCEITO DA PALAVRA	13
1.1 Breve Histórico do Evento Bullying.....	15
1.2 Comportamentos do Bullying.....	17
1.3 Contextos e Ambientes da Manifestação do Bullying.....	18
1.3.1 Traçando Contextos Educativos Relevantes.....	20
CAPÍTULO II PERSONAGENS DO EVENTO BULLYING	22
2.1 As Vítimas do Bullying	22
2.1.1 Vítima Típica.....	23
2.1.2 Vítima Provocadora.....	23
2.1.3 Vítima Agressora.....	24
2.2 O Autor do Bullying	24
2.2.1 Fatores da Agressividade na Escola.....	25
2.2.1.1 Fatores Externos à Escola	25
2.2.1.2 Fatores Internos à Escola.....	27
2.3 As Testemunhas de Bullying	27
2.3.1 Identificação Oculta de Comportamentos.....	28
2.3.2 Consequências do Bullying.....	30
2.3.2.1 Medidas de Combate e Prevenção.....	32
2.3.2.2 Alguns Programas Antibullying.....	33
CAPÍTULO III – A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR	36
3.1 Atitudes dos Professores na Escola.....	36
3.2 Parâmetros Curriculares Nacionais	38
3.3 O Dever do Professor na Construção de um Ensino Cidadã.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a sociedade está introduzida num contexto no qual a violência vem se evidenciando. Com isso, as pessoas vivem rodeadas de incertezas, falta de valores e limites. Contudo, uma dessas incertezas geradas é o que tem sido denominado atualmente de bullying.

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar. (FANTE, 2005, p. 27)

Porém, na escola, onde o espaço reservado para a educação e construção de valores dos discentes, a presença de atos violentos também é constante, como relata Fante (2005). Com isso, conversar sobre o bullying, nesse trabalho, tem como finalidade a busca pela atenção dos educadores a seus alunos, visto que o bullying acarreta enorme prejuízo à formação psicológica, emocional e sócio-educacional dos discentes que são vitimados por esse evento e, portanto, o bullying pode ser considerado um dos fatores de evasão escolar, por sofrerem calados e continuamente tornando-se a vida escolar um martírio sem volta.

O primeiro estudo realizado por Cleo Fante sobre o bullying no Brasil foi em 2000, na cidade de Barretos, em São Paulo. Assim, segundo a autora (2005), participaram cerca 430 alunos de 5ª a 8ª séries (6º ao 9º ano) do ensino fundamental e de 1ª e 2ª séries (1º e 2º ano) do ensino médio de uma escola particular. No entanto, por meio de um questionário aplicado com a intenção de detectar os tipos de violência que os alunos sofriam, concluiu-se, que 81%, ou seja, 348 alunos, já haviam se envolvido em algum tipo de conduta violenta. Desses, 41% foram considerados casos de bullying em que 18% foram considerados vítimas, 14% agressores e 9% vítimas agressoras.

Diante dos fatos, ficou evidente que a escola é co-responsável nos casos de bullying, pois é lá que os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. Assim, a questão principal dessa investigação é: qual a responsabilidade do docente diante do bullying no ambiente escolar? Contudo, traçaram-se como objetivos refletir sobre a conscientização e o

compromisso dos professores para prevenir e combater o bullying em sala de aula e também se suas ações perante os alunos podem ou não ocasionar situações propícias à prática e o cometimento do bullying.

Quanto ao aspecto metodológico, optou-se por uma abordagem qualitativa, através de uma revisão bibliográfica, utilizando autores como Fante (2005), Silva (2010), Chalita (2008), Constantini (2004), Neto (2004), Beane (2006), Pereira (2009) e Melo (2010). A elaboração desse trabalho foi organizado a partir de três capítulos. No primeiro explicou-se sobre o conceito desse fenômeno, relatando os comportamentos seus contextos e ambientação de sua manifestação. No segundo capítulo expõe os protagonistas que atuam nesse fenômeno, e ainda trouxe situações de comportamentos e suas consequências, evidenciou-se algumas medidas e alguns programas que possam combater esse fenômeno do bullying. No terceiro capítulo refere-se sobre a responsabilidade do professor diante de um comportamento de bullying no ambiente escolar, destacando a importância das atitudes desses profissionais, refletindo sobre seus comportamentos, e portanto, destacando sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, onde apresentam os Temas Transversais e Ética, empregando maneiras positivas pelos docentes para a prevenção do evento Bullying no ambiente escolar e com isso contribuir com seus ensinamentos para tornar o aluno cada vez mais um cidadão crítico e inovador. E por fim as considerações finais.

CAPÍTULO I - BULLYING – CONCEITO

A palavra bullying é derivado do verbo inglês “bully” que significa usar a superioridade física para intimidar alguém, ação baseada na força e no poder. Adota também aspecto de adjetivo, referindo-se a “tirano”, “valentão”. Como substantivo ou como adjetivo, a terminologia bullying tem sido colocada em vários países como nomeação para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, intencional e repetitivo inerente às relações entre as pessoas. As vítimas são as pessoas consideradas mais fracas e frágeis dessa relação, transformadas em objetos de diversão e prazer por meio de “brincadeiras” maldosas e intimidadoras que prejudicam a autoestima do indivíduo.

É importante ressaltar que “não é toda violência escolar que pode ser considerada bullying” (MELO, 2010, p. 20). Segundo a professora Fante (2005), os atos de bullying entre alunos apresentam determinadas características comuns, descritas a seguir:

- Comportamentos deliberados e danosos, produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima;
- Apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima;
- Não há motivos evidentes;
- Acontece de forma direta ou indireta.

Contudo, “Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros raciocínios para detectar o problema de forma específica” (Fante, 2005, p. 45), permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações como as relações de brincadeiras entre iguais, que são próprias do processo de amadurecimento do ser humano. Entretanto, as brincadeiras ocorrem de forma natural e espontânea entre os educandos. Eles colocam apelidos uns nos outros, tirando “ondas” e dando muitas risadas.

Porém, quando essa situação se transforma em verdadeiros atos de violência e perversidade, ou quando apenas alguns se divertem às custas de outros

que sofrem com as “brincadeiras,” ela deixa de ser saudável e recebe a denominação de bullying.

Constantini (apud Pereira 2009, p. 31) explica que o bullying:

não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

Ademais, os atos repentinos entre os educandos e o desequilíbrio de poder são as características essenciais para que ocorra o bullying, que tornam possível a intimidação da vítima. Neste prisma, Fante (2005, p. 29), define o bullying como:

um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Importante frisar, nesse estudo, o olhar de Lauro Monteiro, pediatra, fundador da ABRAPIA, criada em 1998, e idealizador do site Observatório da Infância. O autor cita que o bullying ocorre, sobretudo, mas não apenas, nas escolas, caracterizada por atos agressivos, repetitivos e deliberados de alguns alunos contra um ou mais colegas.

Todavia, por não ter uma definição na língua portuguesa, adotou-se no Brasil a palavra bullying por ser empregado desta maneira na maioria dos países, afirma Fante (2005). No entanto, conforme a autora, existem outros termos utilizados em vários países no mundo para definir esse tipo de comportamento.

Mobbing é um deles, empregado na Noruega e na Dinamarca; mobbning, na Suécia e na Finlândia. Esses termos são utilizados com significados e conotações diferentes. Sua raiz inglesa, mob, refere-se a um grupo grande e anônimo de pessoas que geralmente se dedica ao assédio (...). Na França, denominam hercèlement quotidién; na Itália, de prepotenza ou bullismo; no Japão, é conhecido como yjime; na Alemanha, como aggressionen unter shiilern; na Espanha, como acoso y amenaza entre escolares; em Portugal, como maus-tratos entre pares. (FANTE, 2005, p. 27-28)

Conforme Lélío Braga (2009) não existe uma tradução exata para a palavra. Bullying é um assédio moral ou violência física; são atos de desprezar, agredir,

violentar, denegrir, destruir a estrutura psicológica de outra pessoa (indivíduo) sem motivação alguma e de forma repetida e agressiva.

Assim, são muitos os pesquisadores, estudiosos, que conceituam o bullying. Assim, Fante intensifica seu conceito de uma forma universal como sendo um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivo evidente, adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), causando-lhe(s) dor, angústia, sofrimento e abalos psíquicos.

Dessa forma, Silva (2010, p. 21) esclarece:

O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de bullying (os bullies) para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio.

Porém, por meio das definições de bullying estudadas, pode-se compreender como sendo atos intencionais e repetidos de intimidação, humilhação, agressividade verbal e física, causando situações onde existem alunos frequentemente excluídos, ameaçados, insultados ou apelidados de forma pejorativa e agressiva. Portanto, um comportamento inaceitável.

1.1 Breve histórico do evento bullying

No entender de Cleo Fante (2005, p. 44), “o bullying é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola”. Mas, diante disso, poucos projetos foram desenvolvidos para o seu estudo e resolução da situação de forma sistemática. Apenas no início de 1970, na Suécia, é que surgiu um interesse da sociedade por esse tema, que logo se estendeu para os outros países.

Ademais, na Noruega, durante vários anos, esse assunto ganhou atenção nos meios de comunicação e nas discussões entre pais e educadores, mas sem contar com o apoio das autoridades especializadas em educação. Em 1983, no norte do país, um fato mudou essa realidade. Três crianças, com idades entre 10 e 14 anos, se suicidaram e, com toda probabilidade, em decorrência da vitimização do bullying. Diante desse fato, toda a sociedade se sensibilizou, o que fez com que o Ministério da Educação da Noruega realizasse uma campanha contra os problemas enfrentados entre vítimas e agressores do bullying.

Conforme a educadora Fante (2005), Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Berger, Noruega, criou nesse período uma pesquisa nacional, identificando o fenômeno bullying e estabelecendo formas para diferenciá-lo das “brincadeiras geradas próprias da idade”.

Olweus pesquisou aproximadamente 84.000 estudantes, 300 a 400 docentes e 1.000 pais, entre os diversos períodos de ensino. De acordo com a pesquisa realizada por Olweus, a cada sete estudantes, um estava envolvido em casos de bullying e, com a campanha apoiada pelo governo norueguês, cerca de 50% dos casos foi diminuído nas escolas, servindo de incentivo e parâmetro para que outros países como Reino Unido, Canadá e Portugal, fomentassem campanhas de intervenção.

Assim, influenciado pelo livro que, no ano de 1989, Dan Olweus publicou: *Bullying na escola: o que sabemos e o que podemos fazer* (*Bullying at school: what we know and what we can do*), contendo, dentre outras coisas, estratégias de intervenção, que teve como assunto principal os objetivos:

- Aumentar a conscientização sobre o problema para desfazer mitos e ideias erradas sobre o bullying.
- Promover apoio e proteção às vítimas contra esse tipo de violência escolar. (SILVA, 2010, p. 112)

Porém, Chalita (2008), não retardou até que diversos países se interessassem pelo trabalho norueguês e a imitassem, como foi o caso do Canadá, Grã-Bretanha, Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Grécia e Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, o bullying é hoje tema de grande interesse. O fenômeno cresce entre os alunos das escolas americanas. Os índices de sua incidência são tão altos que os pesquisadores americanos o classificam como um conflito global e preveem que, se persistir essa tendência, será grande o número de jovens que se tornarão adultos abusadores e delinquentes. (FANTE, 2005, p. 46)

No Brasil, o interesse pelo estudo do bullying é recente, solicitando esforços para sua compreensão e propondo intervenções mais articuladas com a realidade do país. No entanto, importantes referências são importantes mencionar, a educadora Cleo Fante que em 2002 e 2003 efetuou uma pesquisa na cidade de São José do Rio Preto (SP), envolvendo cerca de dois mil alunos em oito escolas das redes pública e particular, evidenciando que 49% dos alunos estavam envolvidos

com o bullying. Porém, a educadora criou o Programa Educar para a Paz, pioneiro no combate ao bullying nas escolas.

Além disso, ONGs foram criadas para o combate ao bullying, dentre as que se destacam está a ABRAPIA que implantou no ano de 2002, o Programa de Redução do Comportamento Agressivo, abrangendo 5.875 alunos de 5ª a 8ª séries (6º ao 9º ano) do ensino fundamental de onze escolas do Rio de Janeiro. Dos estudantes que foram entrevistados, 40,5% tinham envolvimento direto com os casos de bullying; diante de tal pesquisa, segundo Fante (2005), revelou que o fenômeno bullying se faz presente nas escolas com índices superiores aos apontados pelos países europeus.

Assim, no ano de 2008, depois de 20 anos da sua criação, a ABRAPIA, tem suas portas fechadas, conforme seu fundador, Lauro Monteiro, por falta de incentivos e apoios financeiros nos projetos. Porém, com a cessação da ABRAPIA surge o Observatório da Infância e da Adolescência, que, consoante Lauro Monteiro, vai continuar a expandir os trabalhos de divulgação dos direitos das crianças e do adolescentes.

1.2 Comportamentos do bullying

No entendimento de Silva (2010, p. 22), “algumas posturas podem se configurar de formas direta ou indireta de praticar o bullying”, ambas aversivas e prejudiciais ao psíquico da vítima.

O bullying direto é o tipo de comportamento que inclui agressões físicas (bater, empurrar, chutar, beliscar, espancar, tomar pertences) e agressões verbais (insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, “zoar”). Chalita (2008) concretiza ser mais comum entre agressores do sexo masculino, meninos.

Já o bullying indireto é considerado a forma que mais estimula danos psicológicos em suas vítimas e de difícil detecção; se caracterizando pela propagação de boatos e rumores desagradáveis e falsos, visando uma discriminação e exclusão da vítima de seu ambiente social como um todo, gerando consequências muitas vezes irreparáveis, comprometendo o futuro escolar, social, emocional e psíquico da pessoa vítima do bullying. Conforme Chalita (2008) esse tipo de bullying é mais comum entre meninas e crianças menores.

Nesse sentido, Pereira (2009, p. 48-49) nos esclarece:

Nas diversas pesquisas realizadas em escolas, na Europa e no Brasil, com os alunos, entre os anos de 2000 a 2004, os resultados foram unânimes ao concluir que os meninos se envolvem mais que as meninas em situações de bullying/agressividade, sendo que os meninos têm preferência pelas formas de agressões diretas, enquanto as meninas preferem as formas indiretas [...]

Importante se faz mencionar, um terceiro comportamento é o cyberbullying ou bullying virtual. Os ataques acontecem por meio de ferramentas tecnológicas tais como: celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos (e-mails, sites de relacionamentos, vídeos). Com isso, o intuito é o mesmo do bullying, porém a grande diferença fica na forma e nos meios utilizados pelos agressores do cyberbullying. Situação que se concretiza com as palavras de Silva (2010, p. 126):

[...] No bullying visto até aqui, as formas de maus-tratos eram diversas, no entanto todas, sem exceção, ocorriam no mundo real. Dessa forma, quase sempre era possível às vítimas conhecer e, especialmente, reconhecer seus agressores. No caso do cyberbullying, a natureza vil de seus idealizadores e/ou executores ganha uma “blindagem” poderosa pela garantia de anonimato que eles adquirem [...]

O cyberbullying é mais forte e leva à vítima ao esgotamento e desespero, porque as imagens e mensagens se propagam, se espalham com mais velocidade e rapidez no mundo virtual causando sérios problemas no meio familiar da vítima. Assim, tanto pessoalmente quanto virtualmente, o cyberbullying vai ocasionar lesões e, de acordo com suas dimensões, inesquecíveis na vida de quem as sofre.

1.3 Contextos e ambientes da manifestação do bullying

Importante frisar, que o bullying pode ser reconhecido em diversos contextos: “nas escolas, nas famílias, nos condomínios residenciais, nos clubes, nos locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas Forças Armadas, nas prisões, enfim, onde existir relações interpessoais” (Fante, 2005, p. 30). Contudo, apesar de acontecer com frequência na escola é o local em que as relações interpessoais são mais intensas e frequentes.

Naturalmente, que as escolas não são “ilhas de paz”, os conflitos acontecem de uma forma natural nas relações sociais que vem a cada tempo mudando a forma do agir dos agressores. No entanto, quando não são mediados ou são mal

resolvidos, tendem a gerar desentendimentos e discussões e principalmente agressões físicas, podendo resultar em danos irreparáveis. Se faz comum que os conflitos sejam ocasionados por divergências de ideias e pensamentos diversos, desentendimentos em trabalhos em grupo, nos jogos em equipe ou por ciúme, inveja, traições amorosas, etc.

Nas escolas, é um fenômeno complexo, muitas vezes banalizado e confundido com agressão e indisciplina. Exige observação atenta e presença constante, pois, normalmente, as vítimas são aterrorizadas em áreas da escola com pouca ou nenhuma supervisão. (CHALITA, 2008, p. 81)

Diante disso, identificar e verificar uma situação como bullying não é tão simples. Por isso é indispensável que os diversos profissionais da educação tenham pleno entendimento e discernimento, para que encaminhamentos, atendimentos e procedimentos não sejam equivocados e que venham a tomar decisões de forma corretas.

Segundo a educadora Fante (2005), o que se pode notar é que por definição, o bullying acontece nas relações interpessoais, entre pares. Outro fator importante que deve ser considerado ao tipificar uma ação como bullying é a ausência de motivos que justifiquem o ato da agressão. Isso pressupõe que a vítima não faz nada para ser atacada e agredida, o que demonstra a gratuidade do ato cometido. O bullying tem como marca principal e constitutiva o desrespeito, a intolerância e o preconceito contra alguma característica que destaca ou diferencia a vítima dos demais que sofre tal ato.

Ocorre ainda, o desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, cujo diferencial está ao nível dos jovens, podendo ser percebido em relação à diferença entre forças físicas, sociais ou emocionais. Portanto, a desigualdade é que proporciona vantagem de poder do(s) autor(es) sobre a vítima, disponibilizando, com isso, o processo de vitimação contínuo e danos decorrentes. Por outro lado, facilita a conquista de status perante o grupo classe/escola, o que garante popularidade e aceitação e/ou temor e respeito entre os grupos.

Com isso, de acordo com Chalita (2008), esse tipo de violência pesquisado não escolhe classe social ou econômica de um grupo, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, zona rural ou urbana. No entanto, quando se generaliza, basta que haja relações interpessoais para que, pelo menos, uma

pessoa tente se destacar em cima da fragilidade e fraqueza de outra pessoa, o que independe do local, vai além das condições sociais, da cor da pele, condiz com os valores conquistados, nesse caso, a falta deles.

Frisa-se, que através dos estudos feitos por Cleo Fante (2005), desde o ano de 2000, quando foi realizado o primeiro estudo sobre o caso, a autora conclui que:

A presença do fenômeno constitui realidade inegável em nossas escolas, independentemente do turno escolar, das áreas de localização, do tamanho das escolas ou das cidades, de serem as séries iniciais ou finais, de ser a escola pública ou privada. Isso significa que o bullying acontece em 100% das nossas escolas. (FANTE, 2005, p. 61)

Ainda conforme Fante (2005), as crianças vítimas de bullying sentem-se por muito tempo, solitárias, incompreendidas, indefesas, desconectadas, e não sentem-se tocadas pelo respeito, pela tolerância, pela amizade, pela lealdade, reconhecimento de suas diversidades, não tendo o sentimento de proteção, atos à que os mesmos têm direito como alunos-cidadãos e usuários da escola.

1.3.1 Traçando contextos educativos relevantes

O colégio/escola é o local onde crianças e adolescentes interagem e perseguem objetivos, devendo ser descrito como um clima educacional positivo e devem dar importância ao aspecto relacional significativo e proporcionar a vítima do bullying proteção das agressões, intimidações e humilhações sofridas, permitindo que o vitimado se desenvolva com menos abalos psíquicos e que sua capacidade de autodefesa esteja elevada.

Sugestões teóricas e de intervenção sobre o bullying ajudam a realizar projetos para as escolas combaterem todo ato de agressividade e a intimidação. O método usado no estudo do bullying nas escolas, deve disponibilizar de novos programas para não parecer apenas mais uma lição colocada no dia a dia.

Porém, o principal obstáculo no combate ao bullying escolar está relacionado ao reconhecimento do fenômeno por parte dos adultos. Evidentemente as vítimas escondem as agressões por medo de aumentarem com as denúncias, ou seja, por medo, da falta de apoio dos adultos, pela exposição pública ou simplesmente pela ausência de adultos no momento da ocorrência.

Para que um projeto de prevenção e combate da agressividade tipificada como bullying possa ter êxito na execução no ambiente escolar é preciso o apoio de profissionais preparados para dirigir critérios metodológicos e de suporte às intervenções dos professores, como psicólogos, pedagogos, psicopedagogos e especialistas na temática do bullying. (COSTATINI, 2004).

Diante disso, faz-se importante envolver a comunidade escolar para além dos muros da escola se engajarem no compromisso de combater o efeito bullying, promovendo ações de acompanhamento voltadas a prevenção e combate a todo tipo de agressão e violência causada pelo bullying.

CAPÍTULO II – PERSONAGENS DO BULLYING

São diversos os protagonistas que atuam no comportamento do bullying. No entanto, faz-se importante identifica-lo nas suas especificações para uma melhor compreensão das nuances atitudinais e suas implicações. Porém, no bullying existem três formas de envolvimento: autor, vítima e testemunha e, em todos os fatos, os envolvidos podem sofrer graves consequências no que se refere ao respeito da aprendizagem e ao convívio em sociedade.

2.1 As vítimas do bullying

Ao contrário do que muitos comentam, as vítimas também são conhecidas como “alvos” do bullying, é a peça “escolhida” desse relacionamento para sofrer ameaças, humilhações, perseguições, intimidações, maus tratos e todos os tipos de abusos cometidos por quem pratica as agressões.

Beane (2006, p. 14) afirma:

As crianças são vítimas de bullying devido à sua aparência física, aos seus maneirismos, ou simplesmente porque não se “encaixam”. De fato, um estudo demonstrou que “não encaixar” é a razão mais comum para uma criança ser vítima de agressão por parte dos seus colegas.

As vítimas do bullying são, na maioria dos casos, pouco sociáveis. Um enorme sentimento de não segurança as impede de procurar ajuda. São indivíduos sem qualquer tipo de esperança quanto às possibilidades de se encaixarem ao grupo. Porém, a baixa autoestima é sobrecarregada por situações críticas ou pela indiferença dos adultos no tocante ao seu sofrimento.

Com o passar do tempo, os pais e os professores começam a identificar, a perceber diversas mudanças nos comportamentos das vítimas. Com isso passam a exteriorizar, mesmo sem perceber, um sofrimento que vai causando danos internos por meio da resistência em ir à escola, despertando um baixo rendimento escolar.

Em consequência disso, começam a responder com mais agressividade e ignorância dentro de casa, são situações que gera um sentimento de raiva, que muitas vezes os levam a atos extremos e, de acordo com Fante (2005) alguns preferem tirar a própria vida, a continuarem aguentando tanto sofrimento e desprezo.

Diante das diversas situações encontradas, alguns estudiosos da manifestação do bullying, como Fante (2005), Pereira (2009) e Silva (2010) nos apresentam uma subdivisão das categorias de vítimas.

2.1.1 Vítima típica

Verifica-se, que vítima típica é aquela que serve de “bode expiatório” para o agressor cometer atos de agressão. Em geral a vítima é tímida ou reservada, apresenta pouca habilidade de socialização no meio em que convive, e não conseguem terem reação aos comportamentos provocadores e agressivos direcionados contra ela. A vítima típica tem, segundo Fante (2005, p. 72):

(...) extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixo autoestima, alguma deficiência de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. (...) sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é “presa fácil” para os seus abusos.

No entanto, pode-se observar que a vítima é aquela que sofre as agressões tanto físicas quanto verbais sem motivos, sem exteriorizar sua indignação, ficando submissa de se impor ao grupo e acha que merece passar por aquilo pelo simples fato de que ela mesma não se aceita.

2.1.2 Vítima provocadora

É de fundamental importância, que a vítima provocadora geralmente é aquela que provoca, insita e atrai reações e situações agressivas contra as quais não consegue lidar, se desenvolve normalmente entre crianças e adolescentes. A vítima sempre tenta brigar, agredir ou responder aos ataques ou insultos, mas em geral sem sucesso.

No entanto, essa vítima pode ter sentimentos como: hiperatividade, inquieta, impaciente, dispersa, ofensora, e de um modo geral, tola, imatura, e quase sempre torna-se responsável por causar tensões nos ambientes escolares em que se encontram.

2.1.3 Vítima agressora

As vítimas agressoras do bullying, normalmente são aquelas que se espelham nas agressões que sofrem ou já sofreram, e repassam ou reproduzem os ataques em indivíduos mais frágeis, transformando-os, assim, em seu “bode expiatório”, levando a eles todos os seus sofrimento e traumas vividos como uma maneira e forma de compensação.

Essa tendência segundo Fante (2005), tem sido gerado entre as vítimas, fazendo com que o bullying se torne e tome uma dinâmica expansiva, explosiva e aumentando ainda mais o número de vítimas destes fatos ocorridos.

2.2 O autor do bullying

Outro personagem importante do bullying, são os agressores ou bullies (como também são conhecidos e chamados), que expõem as características de quererem obter vantagem e privilégio, reconhecimento sobre o sofrimento e tristeza de suas vítimas.

Além disso, segundo Neto (2004), o autor do bullying é particularmente popular, tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais e de desprezo, pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos. Assim, veem a sua agressividade como uma qualidade a ser seguida.

Por outro lado, a pesquisa realizada pela ABRAPIA demonstra que 29% dos agressores do bullying praticam as agressões por brincadeira sem se darem conta dos danos emocionais ou físicos cometidos em suas vítimas.

De acordo com Fante (2005, p. 73), o agressor:

(...) É mau-caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa a adaptar-se às normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações. É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas (...) Seu rendimento escolar, nas séries iniciais, pode ser normal ou estar acima da média; nas demais séries, em geral ainda que não necessariamente, obtém notas mais baixas e desenvolve atitudes negativas para com a escola.

Levando em consideração esses aspectos, percebe-se que os agressores pertencem geralmente a famílias desestruturadas, havendo pouco relacionamento e

sentimentos afetivos entre seus membros familiares. Ainda convém relatar que seus pais não supervisionam de forma satisfatória suas ações, toleram e oferecem, como modelo para solucionar os conflitos, um comportamento e atitudes agressivas ou explosivas.

Pode-se mencionar através de pesquisas realizadas por Fante (2005), que 80% dos agressores afirmaram ter uma necessidade de reproduzir as agressividades sofridas contra os outros, os maus-tratos suportados dentro de casa.

Em consequência disso, foi detectado a existência de uma Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos, que é considerada uma doença psicossocial expansiva e que decorre de uma série de sinais e sintomas como: agressividade, explosões emocionais, intolerância, depressão, irritabilidade, impulsividade, tensão, raiva reprimida, stress, sintomas psicossomáticos, alteração do humor e pensamentos levados ao suicídio.

A SMAR tem um modelo educativo inserido nas crianças durante a primeira infância, pois nesta fase a criança absorve e desenvolve inconscientemente os comportamentos agressivos que foi submetido ou tenha presenciado, e externa suas ações diante de suas vítimas. Desta forma, reproduz a agressividade ao qual sofreu ou a reprime, o que termina comprometendo, o seu desenvolvimento no meio social.

2.2.1 Fatores da agressividade na escola

Conforme o entendimento de Fante (2005), o comportamento agressivo ou violento nas escolas, que atinge de forma direta as crianças de todas as idades, é hoje um fenômeno, um acontecimento social de difícil compreensão. Isso sem contar que é resultado de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, “caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais” (FANTE, 2005, p. 168).

Observa-se que o fenômeno bullying vem criando e gerando um arcabouço de situações que envolve comportamentos difíceis de serem identificados e que precisa de uma compreensão que vai além de expressões comportamentais gerados.

2.2.1.1 Fatores Externos à Escola

- Contexto Social: crianças e jovens que são vítimas da exclusão social

procuram na violência uma forma de mostrar que existem e fazem parte do mesmo contexto social, do mesmo grupo.

- Meios de Comunicação: a imprensa como meio de comunicação, tem uma grande atuação no quadro de desenvolvimento da agressividade, encarregando de assumir o papel de formação da consciência das crianças e dos jovens que vivem em um país que passa mais tempo em frente à uma televisão do que dentro da escola, fazendo este meio de comunicação, apologia ao dinheiro e a violência, aos preconceitos e padrões de beleza, não deixando lugar para uma conversa, um diálogo em família.

Porém, a maior e uma das principais preocupações não é somente a quantidade de tempo que estas crianças e jovens ficam em frente à televisão, mas sim a qualidade dos temas e assuntos que elas estão assistindo, pois a maior parte dos pais não tem um controle efetivo sobre o que seus filhos estão vendo, isso pelo simples fato que cada vez mais seus responsáveis estão se distanciando de casa e da vida de seus filhos, sobretudo pelos compromissos profissionais.

Inegável que os jogos de videogames e de computadores são em sua maior parte altamente prejudiciais e comprometedores no comportamento das crianças e dos adolescentes, pois transmitem ideias agressivas e destrutivas, em que a violência em certos tipos de jogos, é vista como algo imediato, cotidiano, frequente e corriqueiro, tornando-se uma situação comum no meio social.

- Família: o padrão educativo familiar sempre será o grande referencial na vida de cada criança e adolescente, pois é a família que tem um contato direto com ela e, conforme relata Fante (2005, p. 173):

Infelizmente, o comportamento violento e agressivo que um aluno apresenta na escola, provocando sofrimentos e muitos outros – de forma velada ou não -, tem sua origem, dentre outros fatores, no modelo educativo familiar de acordo com o qual foi criado.

Ainda de acordo Fante (2005), os maus-tratos e o padrão educativo familiar, os meios educativos ambíguos, a desestruturação no meio familiar e a falta de tempo para os filhos, são alguns fatores importantes que repercutem na formação e desenvolvimento da personalidade do indivíduo. No entanto, um bom relacionamento afetivo, desenvolverá na criança autoconsciência, uma autoestima, uma autoaceitação, autoconfiança e capacidade de autosuperação na sua vida.

2.2.1.2 Fatores Internos à Escola

Clima escolar: é indiscutível que a escola, em sua maioria, objetiva a socialização baseada em princípios como o da equidade, ou seja, na igualdade. No entanto, a própria escola segrega os alunos no momento em que os tratam como se não possuísse diferenças entre eles, como se não tivessem sua individualidade. Porém, esse fato, de acordo com Fante (2005, p. 185), pode ser visualizado de várias formas:

Pela metodologia empregada na aprendizagem; pela forma de abordar e tratar os conflitos interpessoais; pela atenção que os professores dispensam aos seus alunos, demonstrando favoritismos por uns e indiferença a outros; pela maneira com que apresentam soluções preestabelecidas sem considerar as diferenças individuais.

É imprescindível que todos se conscientizem e observem os meios trabalhados, tendo em vista a metodologia empregada nas relações interpessoais, para que não haja favoritismos e indiferenças, e que estes(as) não venham dificultar uma boa relação entre os alunos.

Relações interpessoais: algumas crianças e jovens apresentam dificuldades de se socializar e de se adaptarem ao ambiente escolar, outras são mais amigáveis e tiram de letra o primeiro contato com outras crianças e jovens até então desconhecidas. Com isso, a adaptação dos alunos à escola depende de como vai ser o relacionamento deles com os professores e com os seus próprios colegas.

Quando essas relações se estabelecem de forma adequada, proporcionam, segundo a opinião emitida pelos alunos, o que há de melhor na escola. Entretanto, quando essas relações não são adequadas, como ocorrem com crianças discriminadas ou ignoradas, a escola se transforma em fonte de estresse e inadaptação, resultando em conflitos interpessoais e em diversas formas de violência comprometendo a qualidade do ensino-aprendizagem. (FANTE, 2005, p. 190)

Dessa forma, o convívio entre os alunos e a equipe escolar deve ser amigável e acolhedora, pois as experiências marcarão para sempre suas vidas, tanto as que vem de forma prazerosa, quanto as desagradáveis.

2.3 As testemunhas de bullying

A manifestação de bullying não é apenas formado por vítimas e agressores.

Por sua vez, a grande maioria dos envolvidos nos fatos são composta pelas testemunhas, também chamadas de meros espectadores.

Observa-se que os alunos denominados de testemunhas são aqueles que não estão envolvidos diretamente nos atos de agressões do bullying, mas que presenciam esses acontecimentos agressivos. Portanto, tendem a ficarem calados por medo de serem as próximas vítimas.

Porém, esse clima de silêncio que envolve as testemunhas pode ser interpretado pelos autores como uma forma de seu inteiro poder, o que só vem a ajudar e acobertar a realização dos seus atos, passando uma falsa tranquilidade aos adultos. No entanto, a maioria das testemunhas simpatizam-se pelos alvos, não os culpam pelo que ocorre, mas condenam os comportamentos dos agressores e por muitas vezes desejam que os professores intervenham de forma mais efetiva.

Neto (2004), faz uma observação a respeito das testemunhas de casos de bullying na escola:

(...) a forma como reagem ao bullying permite classificá-los como auxiliares (participam da agressão), incentivadores (incentivam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper). (NETO, 2004, p. 52)

Dessa forma, as testemunhas de bullying em sua maior parte, por se omitirem frente aos ataques agressivos de bullying, acabam por contribuir com a impunidade e o crescimento desordenado da violência por parte de quem pratica a ação. Portanto, quando as testemunhas de bullying se interferem e tentam cessar as agressões, esses atos são efetivos na maioria dos casos, e é imprescindível que todos se conscientizem.

No entanto, é importante incentivar o uso desse poder que vem do grupo, fazendo com que os autores (agressores), se sintam sem o apoio social necessário para o cometimento de tais atos.

2.3.1 Identificação de Comportamentos Ocultos

Não raro, a violência oculta é conforme Fante (2005), a principal característica do bullying. Porém, deve-se observar o comportamento da criança e do jovem em todos os momentos, por mais que isso não seja significativo, deve-se ter a devida atenção. A maior parte do problema se deve à dificuldade de pais e

professores identificarem os primeiros sintomas, os comportamento das vítimas e agressores, já que a maioria não expõe suas angústias, seus sofrimentos.

Portanto, Dan Olweus apud Fante (2005), especifica alguns comportamentos a serem verificados pelos professores para que o aluno possa ser identificado como vítima ou agressor de bullying.

São comportamentos em relação à vítima:

- durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto ?
- na sala de aula tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso ?
- nos jogos em equipe é o último a ser escolhido ?
- apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito ?
- apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares ?
- apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não-natural ?
- falta às aulas com certa frequência (absentismo) ?
- perde constantemente os seus pertences ?

(FANTE, 2005, p. 75)

Em consequência disso, a observação é um detalhe importantíssimo para que esses aspectos sejam identificados. Conforme o psiquiatra infantil Christian Gauderer apud Fante (2005), a maioria dos docentes não estão atentos para as situações de intimidações e estas podem atormentar a vida do aluno, pode afetar até o seu relacionamento em família, como também causar barreiras no seu aprendizado, além de passar por sérios problemas emocionais psicológicos.

Por outro lado, em relação ao agressor, deve-se obter os mesmos procedimentos interrogativos:

- faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil ?
- coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de forma malsoante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama ?
- faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga ? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos?
- pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento ?

(FANTE, 2005, p. 75)

É preciso que essa observação seja também direcionada aqueles alunos mais desinibidos, descontraídos, descolados da escola. Porém, se um

comportamento agressivo for evitado pela presença de um adulto que se mostre presente, consequências maiores podem ser evitadas.

Logo quanto as testemunhas de bullying, estas não costumam terem comportamentos marcantes. De acordo com Silva (2010), a identificação das testemunhas depende de uma constante e cuidadosa observação de suas ações, pois seu comportamento não costuma apresentar sinais claros que apontem a situação que estão vivendo. Assim, na escola e no ambiente doméstico tendem a se manterem caladas, quietas sobre o que sabem ou presenciaram durante os atos agressivos dos autores.

2.3.2 Consequências do Bullying

O fenômeno bullying não é um período na vida da criança e do jovem, não deve ser colocado, de forma errada, como uma “brincadeirinha sem importância”. Apesar disso, é importante entendermos que as brincadeiras normais e sadias são aquelas que todos os participantes se divertem de maneira segura. Porém, quando uma parte se diverte à custa de outros que sofrem, isso ganha outro sentido, bem diferente de um simples divertimento.

Todavia, as consequências referente ao bullying são variadas e “afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar” (FANTE, 2005, p. 78-79).

Em consequência disso, as crianças e jovens, que sofrem bullying, dependendo de suas qualidades individuais e de suas relações no meio em que vive, em especial o meio familiar, poderão não suportar, parcial ou totalmente, os traumas sofridos na escola. No entanto, crescem com sentimentos negativos, como baixa autoestima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento. Com isso, podem assumir, também, um comportamento agressivo e em casos extremos, alguns deles poderão tentar ou cometer suicídio.

Conforme Fante (2005), a vítima poderá desenvolver efeitos intrapsíquicas, ou seja, sentimentos de dentro da mente, com sintomas de natureza psicossomática (uma relação entre o estado psíquico e os aspectos corporais, físicos), tais como: taquicardia, enurese (micção noturna), sudorese, cefaleia (dor de cabeça), insônia, dor epigástrica (dor na parte alta e central do abdômen) , bloqueio dos

pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança, e também reações extrapsíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas.

Esses aspectos na infância, Fante (2005) relata que o bullying pode desenvolver na vítima o transtorno de Boderline, conhecido como transtorno de personalidade limítrofe, que é marcado por episódios transitórios de paranoia ou psicose, o que causa alterações no desempenho dos sistemas límbicos (responsáveis pelas emoções).

Assim, aqueles que cometem o bullying contra seus colegas e amigos poderão levar para uma vida adulta o mesmo comportamento e sentimento antissocial, tendo atitudes agressivas no seio familiar (violência doméstica) ou no ambiente de trabalho. Portanto, esses comportamentos delinquentes do agressor, Fante (2005, p. 81) acrescenta:

(...) agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida... afinal foi assim nos anos escolares.

Observa-se, que as testemunhas se veem também afetadas por este ambiente de tensão, ficando inseguras e temerosas de que possam se tornar as próximas vítimas. Assim, algumas reagem negativamente diante da violação de seus direitos a aprender em um ambiente escolar seguro, solidário e sem temores. Entretanto, tudo isso pode influenciar de maneira negativa sua capacidade de progredir na forma acadêmica e socialmente.

Outro fator existente na procura pelas consequências ocasionadas pelo bullying, pode-se analisar nas palavras de Melo (2010), quando diz:

Algumas experiências são menos traumatizantes, outras deixam estigmas para o resto da vida, sobretudo nas vítimas. Nos agressores as consequências podem vitimizá-las no futuro, de acordo com o rumo que sua vida tomar. Alguns agressores adotam a violência como estilo de vida, chegando a marginalização. Muitos espectadores não superam os temores de envolvimento, a angústia de não poder ajudar e se tornam pessoas inseguras e de baixo autoestima.

(MELO, 2010, p. 42)

Porém, isso nos coloca a refletir muito, sobre as consequências de um fenômeno que, se não estudado, não identificado e não trabalhado, traz sérios

resultados negativos ao futuro de nossos alunos, bem como um futuro sombrio para toda a sociedade. Estar aí a importância do profissional de educação que “poderá conhecer melhor o tema e atuar de maneira efetiva contra esse mal que se difunde nas escolas, de maneira velada e sorrateira” (FANTE, 2005, p. 17).

2.3.2.1 Medidas de Combate e Prevenção

No entendimento de Melo (2010), “os pais devem observar o comportamento do filho”, ou seja, como a principal característica do bullying é o silêncio imposto e colocado pelos agressores, é preciso que os pais estejam em alerta para qualquer tipo de mudança de comportamento de seus filhos, bem como os profissionais de ensino, gestores e, diante de qualquer tipo suspeita, procurar ajuda de um especialista.

Levando ainda em consideração o conselho de Melo (2010, p. 41):

Os pais devem estimular constantemente o filho a contar o que lhe ocorre na escola, de maneira franca e aberta.
Os pais não devem tornar nenhuma iniciativa contra o agressor, a não ser comunicar o fato à direção da escola e exigir que busquem informações sobre programas que estão sendo desenvolvidos em outras escolas e comunidades para se combater o bullying.
Os pais não devem estimular o filho a revidar os ataques.
Os pais devem sugerir ao filho que evite o agressor ou busque ajuda do professor, do treinador ou de outro adulto que saiba como agir nesses casos.

Em consequência disso, ao agir de forma impulsiva, os pais não pensam no que pode acontecer e acabam estimulando os filhos a não abaixarem a cabeça para nenhum colega, e que tem que ser “macho”, “forte”. A criança e o jovem, acabam ficando constrangidos, com vergonha de assumir que não superaram às expectativas dos pais, sendo “fraco” “medroso”. Com isso, fica evidente que os pais devem sempre elevar a autoestima de seus filhos, elogiar suas qualidades e capacidades, não culpá-los pelo que lhes está acontecendo nem incentivá-los a revidar aos ataques agressivos, pois isso aumentaria a violência.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 232, prevê pena (detenção de seis meses a dois anos) para quem ‘submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou a constrangimento’. Portanto, Fante sugere que caso a escola não tenha dado a atenção adequada aos fatos, os

pais devem buscar ajuda do Conselho Tutelar. E este, por sua vez, conforme Melo (2010), tem a função importante de chamar os pais da criança agressora, caso o agressor seja menor de 12 anos de idade e relatar o ocorrido repreendendo-os. Entretanto pode ser levado o caso à justiça quando o agressor for maior de 12 anos de idade. Com isso, a punição é decidida pelo juiz entre advertência ou prestação de serviços à comunidade.

Em virtude dos fatos, nos últimos tempos, o bullying vem sendo um meio de pesquisa e interesse do ramo educacional e social em muitos países. Há hoje alguns programas de combate e prevenção chamados de antibullying, através de livros, chats, páginas da web, documentários, programas de TV, filmes que tratam sobre o assunto e seus efeitos diversos, palestras, etc. O principal desses programas é, segundo Fante (2005), conscientizar toda a comunidade escolar sobre o efeito bullying e sensibilizá-la sobre a importância do apoio às vítimas, encaminhá-las para tratamentos clínicos, encorajá-las à denunciar, além de fazer com que se sintam protegidas.

2.3.2.2 Alguns programas antibullying

Perfazendo uma pesquisa pela incidência do fenômeno bullying em outros países, Fante (2005), demonstra que os principais programas que foram desenvolvidos em décadas passadas envolvem a Noruega, a Finlândia, a Espanha, a Inglaterra, a Grécia, Portugal, Holanda e Irlanda. Dentre estes países existe o SAVE – Sevilha contra a Violência Escolar, na Espanha. Porém na Inglaterra, onde encontram-se inúmeros programas, o destaque é o Projeto contra o Bullying, em Sheffied, entre 1991 e 1993, onde existe também o The Role of Peer Support Against School Bullying (De espectadores a solidários – a função de apoio por parte dos companheiros contra a intimidação na escola), além do Childline, que disponibiliza uma linha telefônica de ajuda e suporte para as crianças e jovens envolvidos no caso de bullying.

Porém, na Irlanda, em 1993, foi realizado, conforme Fante (2005), a Primeira Conferência Nacional contra o Bullying. Todavia, em 1996, no Trinity College, foi realizado a Primeira Conferência Internacional sobre o Bullying, e foi criado uma Unidade de Recursos e Investigação sob a coordenação da Dra. Mona O'Moore. Diante do programa estar a salvo, desenvolvido nas escolas de ensino primário,

secundário e superior, promovendo cursos de capacitação para os professores e um componente educacional para os pais, existe também o Programa Childline que propõe o mesmo propósito do que existe na Inglaterra.

Atualmente, o Colégio Moraitis é uma das mais importantes organizações educacionais da Grécia e o Departamento de Orientação Psicopedagógica criou um sistema completo para atuar afrente de casos de bullying que foram detectados. Com isso, utilizaram como estratégias a conscientização, debates em classe, orientação psicopedagógica individual e coletiva, reforços e sanções, quando necessário.

Em Portugal, diversos programas de intervenção estão sendo desenvolvidos. Entretanto, em Braga, foi criado a Liga LAA, um outro programa é o Scan Bullying, ou seja, maus-tratos em cartoons, que retrata toda sucessão de episódios: exclusão, ameaça, gozação, coerção e agressão.

Na Finlândia, a educação vem sendo revisada. De acordo com o novo projeto de lei, todo aluno tem o direito de aprender em um lugar com segurança. Diante disso, o Ministério da Educação adotou o Projeto Uma Confiança Sadia em Si Mesmo, que vem fortalecer a imagem que os alunos têm de si mesmos. No ano de 1993 criou-se um comitê, pelo Ministério da Educação para informar as escolas sobre o bullying e adotar medidas que previna e combata esse fenômeno.

O Ministério da Educação da Noruega criou um sistema Norueguês de Prevenção e Controle do Bullying, em meados de 1996, (Norwegian Program of Preventing and Managing Bullying in Schools) desenvolvido pelo College of Stavanger e gerido por Erling Roland, não indiferente do programa iniciado pelo pioneiro em estudos sobre Bullying, Dan Olweus, pois o novo sistema contava com a participação do Conselho dos Estudantes.

Porém, na Holanda, alguns pais uniram-se pela segurança dos filhos na escola, e criaram uma campanha nacional com estrutura sobre algumas estratégias, direcionado aos pais, professores, alunos e funcionários da escola, visando enfrentar o problema existente diante de um esforço cooperativo.

Assim, no Brasil, como forma de intervenção, o estabelecimento de ensino estão colocando iniciativas através de debates, orientações; programas de TV têm abordado o tema com mais frequência. Com isso, nos anos de 2002 e 2003, segundo Fante, na cidade do Rio de Janeiro, a ABRAPIA, em conjunto com a

Petrobrás Social, desenvolveram em 11 escolas um Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes.

Entretanto, o primeiro que resultou em uma redução significativa do comportamento do bullying nas escolas, foi o Programa Educar para a Paz, realizado pela pesquisadora Cleo Fante e, de acordo com a autora, é um composto de estratégias psicopedagógicas e socioeducacionais que objetivam a intervenção e prevenção da violência nas escolas, entre os alunos.

Assim, de acordo com a ABRAPIA, para se obter resultados positivos, é necessário a implantação de um programa para prevenir e reduzir o bullying, que deveria ser embasada em três premissas essenciais:

- não existem soluções simples para a resolução do bullying; o fenômeno é complexo e variável.
- cada escola desenvolveria suas próprias estratégias e estabeleceria suas prioridades no combate ao bullying;
- a única forma de obtenção de sucesso na redução do bullying é a cooperação de todos os envolvidos: alunos, professores, gestores e pais.

(ABRAPIA apud Fante, 2005, p. 89 – 90)

Diante disso, através da união de todas as partes envolvidas nesse processo, só nos resta esperar que é possível que haja um combate e conscientização juntamente com o planejamento e investimento de atitudes comprometidas com o bem-estar social de todos.

CAPÍTULO III - A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR

3.1 Atitudes dos Professores na Escola

Conforme pesquisa realizada pela ABRAPIA no ano de 2003, a maior parte das agressões ocorreram dentro da sala de aula na presença do professor. Em consequência disto, fica evidenciada a importância e a responsabilidade do professor e suas ações perante a sala de aula. De acordo com Fante (2005), existe alguns questionamentos que devem incentivar a respeito das atitudes dos professores na escola, em sala de aula, são eles:

- * Será que as atitudes de alguns profissionais de educação ante um conflito poderão ser adotadas, como exemplos, pelos alunos?
- * Será que a atitude autoritária ou agressiva do próprio profissional não está contribuindo para que os alunos exerçam tal autoridade ou agressividade sobre seus companheiros de escola?
- * Será que os profissionais e educadores possuem habilidades para relacionar-se com seus alunos?
- * Como anda o relacionamento desses profissionais com os alunos?

(FANTE, 2005, p. 98)

Dado o exposto é importante que o profissional da educação tenha consciência e reflita sobre seu comportamento à frente dos alunos; através dessa reflexão, percebe-se que Fante (2005) questiona sobre a responsabilidade que cabe a cada educador desempenhar:

- Acreditar que nada podemos fazer e cruzar os braços, comodamente, esperando soluções dos órgãos superiores?
- Permanecer cada vez mais inseguros e fingir que essa é uma questão que não nos cabe resolver?
- Acreditar que não podemos mudar o mundo, enquanto o alto grau de insegurança para a nossa família, para os nossos alunos e para a sociedade em geral se mostra cada vez mais assustador?
- Ou, ao contrário, buscar coragem para enfrentar os problemas e participar ativamente de programas que possam transformar o cenário violento das escolas num cenário de paz?
- Se conseguirmos resultados em nossa comunidade escolar, já não será um grande feito?
- Será que não podemos nos tornar um polo irradiador de ações, atitudes e valores capazes de aumentar o âmbito da prevalência do amor sobre o ódio, da compreensão, da fraternidade e da tolerância sobre todo e qualquer tipo de violência?
- Será que a educação não é o caminho que podemos utilizar para transformar uma sociedade agressiva e violenta em uma sociedade mais justa, mais solidária e mais feliz?

(FANTE, 2005, p. 97 – 98)

Porém, o bullying está evidente na maioria das salas de aula e casos de agressões físicas e verbais acontecem muitas vezes na frente do professor. Mas por que essas atitudes ocorrem, na presença do professor? Às vezes, o próprio professor simplesmente não interfere ou sua atitude perante a sala de aula não basta para que os alunos agressores entendam que o respeito deve existir em um ambiente escolar.

O docente que critica várias vezes o seu aluno, o compara com outros, o ignora, está expondo esse aluno a ser mais uma vítima do evento bullying e de certa forma está contribuindo com o desrespeito ao espaço pedagógico. No entanto, atitudes indiretas relacionadas ao aluno, também o influenciam, como por exemplo quando o docente se remete a alguém de forma desrespeitosa. O aluno que tem a tendência a desrespeitar um indivíduo, seu próprio colega de turma, certamente se baseará nas atitudes desse professor.

No entanto, não se pode atribuir, conferir ao professor toda a responsabilidade da ocorrência de bullying ocorrida na escola, precisamente em sala de aula. Percebe-se, que os alunos podem provavelmente cometer bullying sem basear-se nas ações do professor. Assim, atitudes do professor para com os alunos, assim como foi falado anteriormente, pode sim, gerar oportunidades para que estes cometam bullying na escola.

Portanto, se o professor transmite aos alunos a importância do respeito, da educação como pessoa e têm eles conhecimentos sobre os direitos das crianças, ser o mediador de um ambiente de amizade e companheirismo, interferir de maneira harmônica nas ditas “brincadeiras de mau gosto”, casos de bullying poderão não acontecer na escola e sala de aula.

Contudo, o professor tem a responsabilidade, o dever de passar para os alunos o papel importante do respeito mútuo, do diálogo, da justiça, da solidariedade, tendo que trabalhar as diferenças e os direitos das crianças em sua sala de aula, desempenhando o bom papel da escola.

Afinal é no profissional da educação, que se encontra toda a sustentação, toda base da sociedade. É assim, que ele eleva a autoestima do cidadão, levando-o a compreender o seu importante papel como pessoa, ensinando-o a exigir seus direitos e, acima de tudo, a conhecer seus deveres.

3.2 Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais; Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), pode ser empregado de maneira positiva pelos docentes para a prevenção do evento bullying no ambiente escolar, pois pode influenciar toda a prática cotidiana da escola, os assuntos da Ética priorizam o convívio escolar. São eles: (entendimento pessoal)

- * Respeito mútuo
- * Justiça
- * Diálogo
- * Solidariedade

Os assuntos são separados por blocos, nos quais a seguir serão apresentados um a um em quadros, para que possamos compreender seus objetivos e assemelha-los aos objetivos expostos.

Quadro 1

Tema:	Respeito Mútuo.
Conteúdos a Serem Trabalhados:	<ul style="list-style-type: none"> * As diferenças entre as pessoas; * O respeito a todo ser humano independente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião e cultura; * O respeito mútuo como condição necessária para o convívio social democrático: respeito ao outro e exigência de igual respeito para si.

O convívio respeitoso na escola é a melhor experiência moral que o aluno pode ter, ele deve sentir-se respeitado e também sentir que dele exigem respeito. Assim, a necessidade de firmeza na intervenção do professor contra atos de desrespeitos e preconceitos entre alunos.

No entanto, os PCN's advertem que "dificilmente o professor conseguirá comunicar a importância do que diz, se não demonstrar a mesma firmeza em suas próprias atitudes cotidianas".

Porém, segundo FREIRE (2011, p.94)

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho.

No entanto, é importante que o professor possa transmitir para os alunos seu potencial objetivo da maneira de pensar e agir em sala de aula e na própria escola, pondo-se diante dos alunos de forma verdadeiro diante do que diz e faz.

Quadro 2

Tema:	Justiça
<p>Conteúdos a Serem Trabalhados:</p>	<ul style="list-style-type: none"> * O reconhecimento de situações em que a equidade represente justiça; * A identificação de situações em que a injustiça se faz presente; * O conhecimento da importância e da função da Constituição brasileira; * A compreensão da necessidade de leis que definem direitos e deveres; * O conhecimento dos próprios direitos de alunos e os respectivos deveres; * A atitude de justiça para com todas as pessoas e respeito aos seus legítimos direitos.

O ambiente escolar deve ser uma sociedade justa, com isso, as atitudes dos professores na escola, devem ser coerentes para que aconteça a legitimidade do valor da justiça. Os PCN's fazem uma reflexão a respeito disso:

Todos sofrem se sentem que os professores os desprezam, não apostam em sua capacidade de êxito, ignoram suas tentativas de aprender. E tais injustiças os levam, seja ao abandono da busca da aprendizagem, seja à revolta, seja aos dois juntos. E mais ainda: passa-lhes a ideia de que a justiça é impossível, mero sonho; afasta-os desse valor moral.

No entanto, fica claro a importância do valor justiça na prática pedagógica do professor, colaborando assim, para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres e contrários a qualquer forma de injustiça, o que ajudará de maneira significativa para a erradicação do evento bullying.

Quadro 3

Tema:	Diálogo
Conteúdos a Serem Trabalhados:	<ul style="list-style-type: none"> * O uso e valorização do diálogo como instrumento para esclarecer conflitos; * A coordenação das ações entre os alunos, mediante o trabalho em grupo; * O ato de escutar o outro, por meio do esforço de compreensão do sentido preciso da fala do outro; * A expressão clara e precisa de ideias, opiniões e argumentos, de forma a ser corretamente compreendido pelas outras pessoas; * A disposição para ouvir ideias, opiniões e argumentos alheios e rever pontos de vista quando necessário.

Com isso, uma das principais ferramentas que o professor tem, é o diálogo para prevenir e combater o bullying no ambiente escolar. Assim, importante que, tanto em casa quanto na escola, o aluno tenha liberdade para dizer o que pensa e o que sofre. Assim Fante (2005, p. 51) faz um pedido a todos os profissionais de educação.

Por favor, valorizem os sentimentos que as vítimas expressam e entendam que para elas é muito difícil falar sobre o que lhes está ocorrendo! (...) Se estão pedindo a sua ajuda é porque já não suportam mais o peso do sofrimento e podem estar propensas a cometer um desatino.

Porém, é com o diálogo que o educador pode estimular os alunos agressores a refletirem sobre os seus maus atos e as consequências que suas atitudes trarão para os alunos agredidos.

Quadro 4

Tema:	Solidariedade
Conteúdo a Serem Trabalhados:	<ul style="list-style-type: none"> * Identificação de situações em que a solidariedade se faz necessária; * As formas de atuação solidária em situações cotidianas; * A sensibilidade e a disposição para ajudar as outras pessoas, quando isso for possível e desejável.

Em relação a solidariedade, o professor deve incentivar os alunos a praticá-la e a pensar sobre ela em conjunto com outros valores. Ao invés de incentivar a competição entre os alunos ou fazer comparações entre seus diversos desempenhos, o educador deve fazer com que eles se ajudem mutuamente, contribuindo para que as diferenças sejam respeitadas.

Assim, Fante (2005, p. 153) reforça que “devemos formar todos os nossos alunos no espírito de tolerância, no respeito às diferenças, na autoconfiança e na solidariedade se quisermos construir um mundo de paz”. Diante disso, não devemos esquecer que o discurso docente tem de ser coerente com a sua prática pedagógica, pois de nada adianta passar um ensinamento ético, correto para seus alunos e agir de forma contrária a esses ensinamentos. Porém, de acordo com os PCN’S, as atitudes respeitadas deve partir do professor, pois estas, serão vistas como modelo, principalmente pelos alunos mais novos.

É importante que o professor se der conta que ele pode gerar casos de bullying na sala de aula pela maneira que se remete aos alunos. Porém, quando o professor se dirige ao aluno tratando-o como símbolo de incompetência escolar ou quando sacode uma prova com baixa nota pelas pontas dos dedos perguntando pelo seu autor este está submetendo esse aluno a ser mais uma vítima do bullying.

Com isso, essa atitude abordada acima é muito comum no cotidiano escolar, e esse aluno, autor da prova com nota inferior, poderá certamente ser humilhado pelos colegas por causa de seu mau desempenho. Diante disso, esse professor, sem se dar conta, abriu brechas para a ocorrência de bullying na sala de aula. Portanto, as atitudes docentes mesmo sendo julgadas inofensivas podem trazer resultados prejudiciais.

Entretanto, professores que costumam fazer zombarias a respeito da capacidade intelectual do aluno é um exemplo de bullying por parte do professor, e outras crianças ao verem esta atitude do professor, poderão pensar que humilhar é uma atitude normal de relacionamento.

Porém, apenas bons exemplos por parte dos educadores não são suficientes para educar moralmente os alunos, mas certamente é de um grande incentivo para que esses alunos não cometam atitudes de bullying contra seus colegas de sala.

Assim, quando existe uma escola, e principalmente um educador preocupado não em simplesmente passar conteúdos, mas em ensinar as crianças a viverem em sociedade, e aprenderem que o direito deles começa quando termina o do outro, ter-se-á uma escola e uma sala de aula muito melhor para se educar e construir conhecimentos.

3.3 O Dever do Professor na Construção de um Ensino Cidadã

Sabe-se, que é importante em uma sociedade que sempre está em constante transformação, que o educador contribua com seus ensinamentos e suas experiências, para tornar o aluno cada vez mais a desenvolver um senso crítico e inovador. Porém, o professor deve-se estar voltado ao dialógico, interagindo uns com os outros. No entanto, é preciso que o professor deva provocar os alunos passivo para que se tornem alunos ágeis.

Além disso, transmitir conhecimentos não significa apenas repassar os assuntos e matérias, mas conduzir o educando a analisar, raciocinar, pensar e criticar. Com isso, nota-se que os professores têm a responsabilidade de preparar e aprontar o aluno para tornar-se um cidadão que aja de forma ativo dentro da sociedade que este estar inserido, apto a romper qualquer barreira e paradigma.

Neste sentido, é de responsabilidade do professor a construção de uma educação cidadã dentro da escola e na sala de aula, que venha a proporcionar uma educação satisfatória na realização do processo de compreensão do conhecimento e excluir qualquer tipo de agressão e preconceitos gerados pelo evento bullying no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar o fenômeno bullying ficou claro que nem toda violência escolar deve ser considerada como bullying, para isso é preciso que ocorram agressões físicas, morais ou psicológicas, sendo estas intencionais e repetitivas, e, através de sua disseminação, conclui-se que o bullying é um fenômeno mundial e cresce a cada dia, passando despercebido pela maioria das escolas e familiares.

Investigar a respeito do fenômeno bullying no ambiente escolar foi de grande relevância com o propósito de conhecer e diferenciar o que é bullying e quais são os contextos e ambientes da manifestação de tal fenômeno. Portanto, para a formação do professor, significa entender e redirecionar as ações pedagógicas realizadas no combate às diversas formas de violência que acontece no ambiente escolar, com o objetivo de melhorar a comunidade escolar, como também difundir valores e atitudes guiadas por princípios morais e éticos.

O educador não pode dar chance através de suas ações para que casos do fenômeno bullying ocorram no ambiente escolar, a responsabilidade do educador é apresentar aos alunos que o fenômeno bullying é uma prática que não pode ser exercida e que provoca sofrimento e dor ao seu semelhante. Apesar disso, ainda existe muito a ser averiguado e estudado no que diz respeito a responsabilidade do educador diante do fenômeno bullying no ambiente escolar, contudo, o professor não pode ser responsabilizado como o único responsável por eliminar o bullying, pois é preciso que exista uma ação conjunta entre família, sociedade e a escola, com o intuito de influenciar na formação do aluno enquanto cidadão, e assim contribuir para uma sociedade mais igualitária e justa que respeite todas as diferenças.

Saber a especificação do perfil dos envolvidos do fenômeno bullying auxilia na medida de uma possível intervenção futura, e ainda regular o funcionamento da escola, como também ajudar nas decisões relativas as condutas inadequadas, buscando estender a responsabilidade nos profissionais envolvidos com a prática educativa. Portanto, espera-se com isso, refletir sobre as mudanças necessárias para a fixação de limites e regras de convivência, a fim de conceber atitudes positivas na vida escolar social do aluno.

Os resultados dos atos de violência podem seguir seus protagonistas pôr a vida toda, mexendo em seus conceitos e impedindo que este tenha uma postura

sadia e ética diante de situações do dia a dia. Diante disso, se faz necessário a criação de novas leis e da execução efetiva da legislação que já existe sobre a questão do fenômeno bullying. Portanto, a melhor maneira para a interdição dessa prática violenta não está apenas na determinação de atos punitivos aos agressores, mas, de preferência na promoção de ações educativas de desprezo ao fenômeno bullying no ambiente escolar e de conscientização/ comprometimento de toda a comunidade escolar na luta contra esse mal.

Entretanto, o professor também precisa repensar suas atitudes no ambiente escolar, pois muitos alunos são intimidados, coagidos, humilhados e até mesmo perseguidos por quem deveria educá-los e até protegê-los, tornando-se assim vítimas de bullying. No entanto é preciso que os professores lembrem-se que o seu papel é educar, e para isso é preciso cuidar dos princípios da dignidade humana, das pessoas e dos sentimentos dessas pessoas. Diante de questões relativas ao bullying, é importante que cada um se questione qual princípio foi violado, o que ficou esquecido, o que foi deixado para trás no convívio diário escolar. Com isso é preciso romper esse ciclo perverso. Porém é de paz que os estudantes precisam para aprender, e os professores, para ensinar.

Com isso, o profissional de educação deve ser o mediador de um ambiente de amizade e companheirismo no ambiente escolar, interferindo de maneira justa nas chamadas “brincadeiras de mau gosto”, assim a ação do professor pode combater e prevenir o bullying na escola e na sala de aula.

A realização de projetos de intervenção sobre um tema tão polêmico, e desafiador como bullying no ambiente escolar, traz uma nova perspectiva aos alunos, pois estimular a prática do diálogo aberto e o respeito mútuo, onde os educandos possam expor abertamente suas idéias, seus medos e suas dúvidas, muitas vezes revelando terem sido vítimas do bullying, e até mesmo agressores e muitas vezes sem ter a consciência do que estão praticando e que se trata de bullying, é de fundamental importância para toda sociedade. Quando o problema da ocorrência do fenômeno bullying é percebido por professores no ambiente escolar, se torna mais fácil de minimizar e até mesmo de evitar o problema.

No entanto, por ser um assunto novo e de muitas configurações, ainda não há soluções para este fenômeno no ambiente escolar, que gera muitos transtornos emocionais e as vezes físicos. As direções apontadas até o momento são os

programas de esclarecimento e os projetos de intervenção visando combater a prática do bullying no ambiente escolar. Estes caminhos por enquanto estão centrados na conscientização social e na consolidação de alguns valores imprescindíveis para a vida em sociedade, na qual o respeito mútuo, a ética e a cidadania mostram-se como ferramentas eficientes.

Conclui-se que esse é um problema grave em nível mundial e também no Brasil e que tem se manifestado de maneira intensa, portanto precisamos todos em conjunto com a escola, família e sociedade desenvolver não apenas projetos nesse contexto de suma importância, mas também tomarmos consciência que mudanças de pequenas atitudes no dia a dia pode fazer a diferença na vida de uma pessoa que sofre com bullying.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR. 6023: Informação e documentação. Referências. Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. 24p.

BEANE, ALLAN L. A sala de aula sem bullying. Editora Porto, 2006, 158p.

BRAGA, Lélío. Bullying: o que você precisa saber, RJ, Impetus, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília: MEC / SEF, 1998. v. 8.

BULLYING. Comportamento Agressivo Entre Estudantes.
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 14/10/2018.

_____, **Assédio Moral Infanto-juvenil (AMI).**
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>. Acesso em: 19/09/2018.

BULLYNG ESCOLAR. O Outro Lado da Escola. Orientação aos gestores das unidades escolares. http://www.udemo.org.br/RevistaPP_04_06Bullying.htm. Acesso em: 07/11/2018.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia da amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. 1ª edição. Editora Gente, 2008, 280 p.

ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente.
<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10584195/artigo-232-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>. Acesso em: 07/11/2018.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Editora Verus, 2005, 224p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

LOPES NETO, A A. Diga não ao bullying. 5 ed. Rio de Janeiro, ABRAPIA, 2004.

MELO, Josevaldo Araújo de. Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo; Recife: EDUPE, 2010, 128 p.

OLIVEIRA, Wilandia Mendes de. **Uma Abordagem Sobre o Papel do Professor no Processo Ensino/Aprendizagem**. https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf. Acesso em: 08/11/2018.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009, 93 p.

ROCHA, Jaqueline Duarte Neves da. **O Bullying em sala de aula, um problema a ser resolvido**. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/bullying-em-sala-de-aula-um-problema-a-ser-resolvido/60512/>. Acesso em: 09/09/2018.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, 188 p.

SILVA, Maria Ana Paula Freire da. **Bullying na escola: uma ameaça à dignidade humana**. Recife – PE: Revista Construir Notícias, março / abril 2011.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 () Monografia
 () Artigo

Eu, Francisca Maria dos Santos Fleigina,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
da Monografia com título A responsabilidade
do Docente diante do Bullying no ambiente escolar.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 28 de Janeiro de 2019.

Francisca Maria dos Santos Fleigina
 Assinatura

 Assinatura